

## A nova política de defesa do Brasil

Há cinco anos, o Exército concentrava suas principais guarnições no Sul e no Sudeste, destinando apenas 11 mil homens para patrulhar os 11,2 mil quilômetros de fronteira do Brasil com 7 países da região amazônica. Hoje, a situação praticamente se inverteu. Além de manter 23 mil soldados em estado de alerta permanente na área, o Exército pretende remover mais 3 mil homens de suas bases no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro, até dezembro, convertendo o Comando Militar da Amazônia numa de suas unidades com maior poder bélico. O mesmo também ocorre com a Aeronáutica, que acaba de inaugurar o avançado Sistema de Vigilância da Amazônia (Sivam), cobrindo uma área de 5,5 milhões de quilômetros quadrados.

Feita com discrição, essa mudança estrutural no sistema brasileiro de defesa prevê ainda a instalação de 20 postos avançados de fronteira, a formação de destacamentos móveis integrados por tropas de elite, a ampliação de bases aéreas e a criação de centros de treinamento de guerra na selva. Todas essas medidas foram decididas de comum acordo pelo Exército com a Marinha e a Aeronáutica e fazem parte da nova "Política e Estratégia Militar de Defesa", um documento que o presidente Fernando Henrique Cardoso quer entregar ao seu sucessor ainda no período de transição.

O que o levou a tomar essa iniciativa foi o recrudescimento da guerra civil na Colômbia e a expansão do narcotráfico. Por meio de seu serviço de inteligência, o Exército já detectou que os narcoguerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) elegeram a fronteira com o Brasil como área de retaguarda, com zonas de refúgio e suprimento de armas e remédios. E, quando o presidente Alvaro Uribe iniciar sua ofensiva contra as Farc, que já controlam 40% daquele país, o governo brasileiro teme um aumento no êxodo de refugiados colombianos e o extravasamento do conflito para dentro de nossas fronteiras.

As novas prioridades do Exército marcam o fim de uma era iniciada com a Guerra do Paraguai, em 1870. Nestes 132 anos, nosso sistema de defesa foi organizado para atuar em conflitos no Cone Sul, especialmente com a Argentina. Mas, com o advento do Mercosul, nos anos 80, a rivalidade estratégica deu lugar à integração econômica e o jogo militar foi substituído pela diplomacia, a ponto de o Brasil ter proposto à Argentina um acordo de integração entre suas Forças Arma-



**Retomar o controle das fronteiras amazônicas é a melhor forma de atacar o tráfico que opera nas metrópoles do Sudeste**

das, para manter a paz em seu espaço geopolítico.

Por isso, Fernando Henrique fez o mais sensato no plano militar, quando deu prioridade à segurança das fronteiras na região amazônica e autorizou a transferência das guarnições sediadas em regiões onde não há risco de conflito. Não se trata apenas de "preparar a guerra" contra supostos inimigos externos. Policiar melhor e assumir o controle de fato sobre as fronteiras amazônicas do Brasil é hoje um imperativo de segurança pública sem o qual não será possível voltar a controlar as áreas cada vez maiores das metrópoles brasileiras dominadas por traficantes que não são mais que extensões e esbirros dos barões da narcoguerrilha, que produz seu veneno e opera a partir daquela área.